

MARÉ VIVA

DIRECTOR (INTERINO): ANTÓNIO A. SANTOS

SEMANÁRIO

ANO I — N.º 1 — PREÇO 3\$50 — 25/6/76 (Avençado)

TAPETEIROS NOVAS TABELAS SALARIAIS

(Pág. Central)

DA COOPERATIVA

No passado dia 12, NASCENTE — Cooperativa de Acção Cultural, viu a sua existência legal reconhecida, com a elaboração da respectiva escritura. Não podemos publicar ainda os ESTATUTOS já aprovados, mas damos a conhecer desde já o artigo 3.º:

— A Cooperativa tem como objectivos a promoção cultural dos seus associados e da população em geral, podendo, para o efeito, utilizar todos os meios legais e úteis, designadamente:

A) a publicação e venda de livros, jornais, revistas e outras publicações;

B) a realização de espectáculos de cinema, teatro, música e outros e a prática dessas mesmas actividades;

C) quaisquer outras actividades legais que sejam prática ou meio difusor de cultura ou fonte de angariação de fundos.

Contamos proceder à publicação dos ESTATUTOS, no seu conjunto, num dos nossos próximos números.

★

Conforme informámos no número zero de MARÉ VIVA, fizemos um necessário compasso de espera. A partir de agora sairemos todas as semanas. Esperamos justificar o seu interesse.

HOSPITAL DE ESPINHO

BAIRRISMO OU REALIDADE?

No passado dia 8 do corrente, o senhor Secretário de Estado da Saúde, dr. Albino Aroso, recebeu uma delegação espinhense a pedido da Comissão Administrativa da Câmara Municipal. Uma audiência em que seria debatido o tão apregoado problema do Hospital. Presentes membros da Câmara, das Juntas de Freguesia, representantes dos trabalhadores e utentes do Hospital, do jornal «Defesa de Espinho» e do nosso jornal.

Deste encontro terão ficado, em primeiro lugar, bem diferenciados os conceitos de bairrismo irracional, de fanatismo e o de justiça. Não serão sentimentos de bairrismo, de «clubite» que terão de presidir à criação duma rede hospitalar eficiente, capaz de servir da melhor maneira as populações. Não será com alarmismos, com o distorcer das realidades que se alcança aquilo a que de facto temos direito.

Espinho, concelho com cerca de trinta mil habitantes, de grande desenvolvimento industrial, recebendo no Verão numerosos turistas (a população chega a duplicar), sendo ponto de encontro duma vasta região que ultrapassa

o concelho, terá de ter um Hospital capaz de responder às necessidades de tal população. Necessidades cada vez maiores, mais complexas, exigindo uma modificação dos serviços hospitalares.

E a estes argumentos não terá ficado insensível o dr. Albino Aroso, que garantiu não existir intenção oficial de intervir nos serviços do Hospital, nem será modificada a qualidade destes enquanto não for feita a reclassificação dos Hospitais. Por outro lado, foi reconhecida a importância do nosso Hospital e alvitada a sua inclusão no grupo hospitalar de Gaia quando da elaboração da futura Carta Sanitária e da reclassificação em hospitais concelhios e distritais. Para tal é necessário traduzir em números, em gráficos, uma série de dados necessários à Secretaria de Estado para se inteirar da realidade concreta, sobre o raio de alcance e importância do Hospital de Espinho.

Em resumo, um encontro importante para clarificação de posições, para desmistificação de conceitos que em nada servem os interesses da população, os interesses duma vasta região que Espinho serve.

Nasce uma Cooperativa

Salão da Piscina, noite de sexta-feira, dia 21 de Maio. Às 9.15 horas, começaram a ser preenchidas as cadeiras alinhadas em frente de um «ecran» de projecção. 9.30 horas. As pessoas que entravam não encontravam cadeiras vagas.

Atrás e ao lado das cadeiras, alguns dos que ficaram de pé tentavam colocar-se de modo a não perderem nada do que se ia passar.

Entretanto, numa banca improvisada, vendiam-se jornais e autocolantes, distribuíam-se uns impressos brancos e outros azuis. No cabeçalho dos jornais podia ler-se «MARÉ VIVA». Os autocolantes mencionavam o jornal e uma cooperativa. As pessoas compravam, liam, pediam esclarecimentos, discutiam, iam passando o tempo até que a coisa comesse. Algumas preenchiam os impressos de inscrição na Cooperativa.

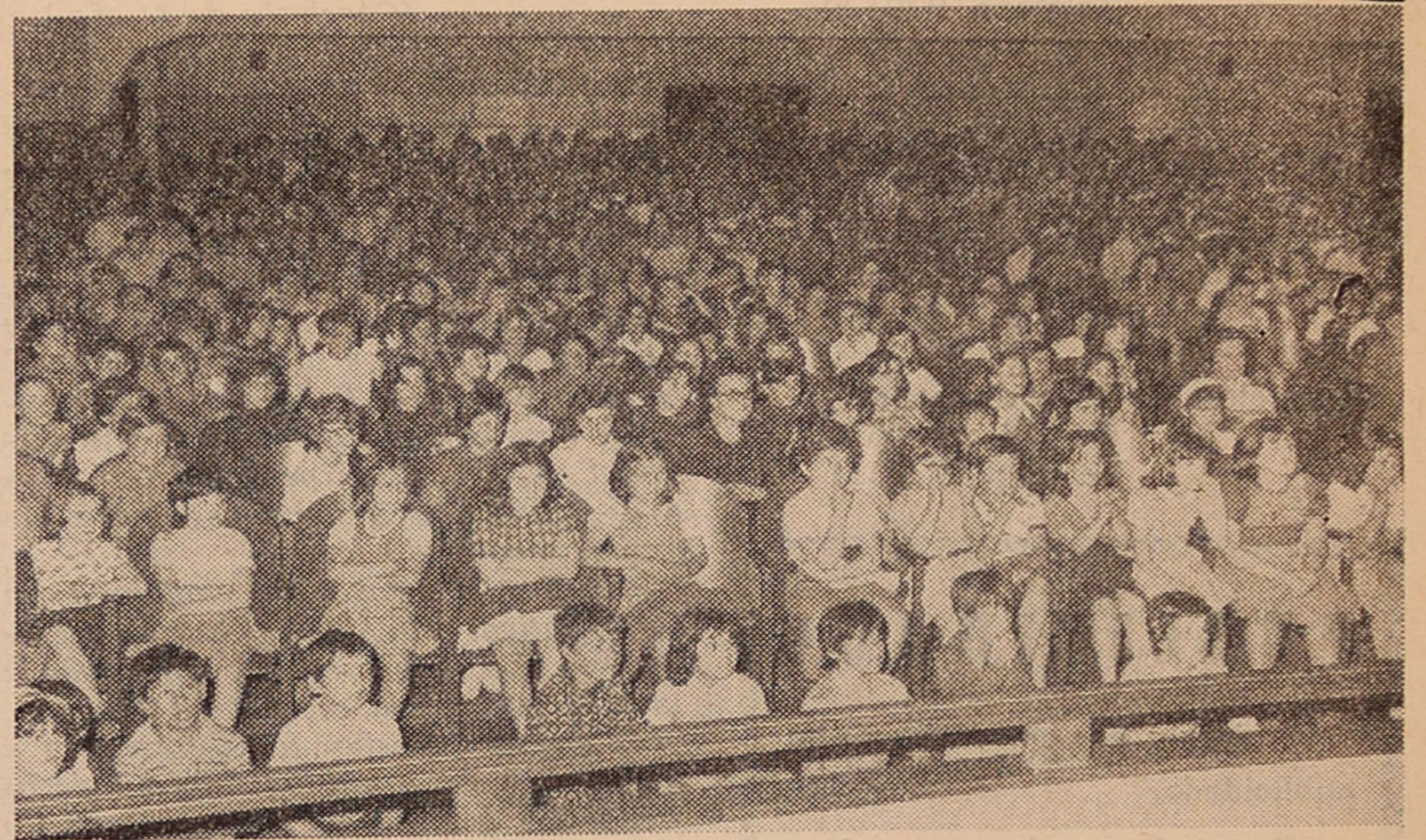
Foi cerca das 10 horas que se pediu silêncio e se explicou o significado daquela sessão. Tratava-se da apresentação da nova Cooperativa de Acção Cultural NASCENTE e que coincidia com a publicação do número zero do seu jornal «MARÉ VIVA», o jornal da re-

gião. Foram expostos nas suas linhas gerais os objectivos da NASCENTE e acentuada a necessidade da adesão das pessoas quer colaborando, quer inscrevendo-se como sócios para que possa ser levado a contento a missão que se propõe desempenhar: promover a cultura, apoiar os centros culturais da região já existentes, levar a cultura a toda a população da região.

E se o cinema pode ser um óptimo meio de expressão e difusão cultural, ali se estava a iniciar uma série de filmes de 16 e 35 mm que serão apresentados regularmente. Assim principiava a actividade do CINE-CLUBE da Cooperativa NASCENTE.

Esta primeira iniciativa teve continuação logo na semana seguinte, e da melhor maneira: aproveitando a data do Dia Mundial da Crianças levaram-se a cabo realizações que movimentaram grande parte das crianças das escolas, tal como noutra local referimos, e entre as quais destacamos o enorme êxito que constituiu o espectáculo de teatro infantil.

Mas a Cooperativa não pode parar.
(Conclui na pág. 2)



...o espectáculo de teatro infantil.

CASO VIGOROSA

Patrão declara

PIRES VELOSO
interessado no problema

(Pág. Central)

MARÉ VIVA

SEMANÁRIO

Propriedade: «NASCENTE» — Cooperativa de Acção Social

Redacção — Apartado 43
ESPINHO

Director
António A. Santos

Fizeram este número:

Ana Maria — António Capelo — António Letra — António Santos — Dário Capela — Ema Letra — Fátima Brandão — José Maia — José Carlos Gonçalves — Jorge Catarino — Laura Gaio — Laurinda Cunha — Luís Filipe — Margarida Azevedo — Márcio Candoso — Morais Gaio — Vitor Sousa — Adriano Cardoso.

Colaboração especial:

Alberto Barbosa — Rui Abrantes — Chaves.

Composição e Impressão

Oficinas Gráficas
da Casa Num'Álvares — Porto

ESPECTÁCULO NO LICEU DE ESPINHO

Num dos últimos fins-de-semana, leu o «British Club» do Liceu de Espinho a efeito um espectáculo cultural e recreativo, integrado nas realizações que desde a sua fundação há alguns meses vem efectuando, numa louvável iniciativa de alguns professores de línguas deste Liceu.

A participação dos estudantes daquele estabelecimento de ensino foi notável, encontrando-se o «Polivalente» do mesmo quase cheio. É notória a necessidade que os alunos têm de, a par das aulas teóricas e do ensino académico, terem suportes intelectuais dum tipo mais coloquial, mais aberto e (a ter seguimento e melhorando sempre) deveras frutuoso e complementar de uma educação sadia e criadora.

O espectáculo contou com a participação do Grupo Coral da Secção Cultural da A.A.E., da Secção de Teatro da Associação Cultural da Granja, de um grupo de alunos que interpretaram «pop-music», de um coral improvisado de alunos e professores e ainda de dois actores ingleses, atracções do espectáculo.

Actuou primeiramente o Coral da A.A.E. que interpretou um conjunto bem balanceado de canções populares, arranjos corais e canções heróicas. É constituído na sua maioria por jovens e apresenta-se na sua fase de arranque, necessitando especialmente de novas vozes a juntar ao elenco.

Seguidamente um grupo de alunos interpretou, cantando e tocando, algu-

mas canções do tipo «pop-music», sendo algumas da sua própria autoria.

A Secção de Teatro da Granja interpretou «Ensaio» de A. Maltz. Encenação bastante curiosa, a denotar uma criatividade de louvar, a estes jovens actores que ao espectáculo do «British Club» trouxeram uma mensagem bem definida.

Atracção principal da «festa», os actores ingleses tiveram várias actuações. Pertencentes a um grupo de actores, professores, linguístas, etc., ingleses que levam o conhecimento da sua língua aos mais diversos países, Billie e Collins, de seus nomes, alegraram a assistência, ao mesmo tempo que as frases-tipo e as construções ideomáticas iam entrando no ouvido da massa estudantil presente, pela repetição destas efectuadas.

O espectáculo terminou em ambiente de festa, com parte da assistência colaborando num improvisado «meeting» musical com os diversos grupos participantes no espectáculo.

Experiência positiva, pois, esta do «British Club» do Liceu Nacional de Espinho, que vem demonstrando e propagando uma maneira de ensinar que não acaba no academismo, mas proveitosa, porque vivida e sentida por todos e sobretudo a lembrar o muito que no ensino há a fazer; e a pedir mais iniciativas como esta que contribuiu para a saída da escola à rua e à prática e para um ensino permanentemente renovado e criador de espírito sadio e aberto nos nossos homens de amanhã.

CINEMAS

S. Pedro

Dia 25 — 6.ª-Feira — A VINGANÇA DE MONTE CRISTO (M/13 anos)

De Alexandre Dumas, sabemos que é um escritor de romances de aventuras, mais ou menos querido pelos apreciadores do género.

Quanto a este filme (tirado dum seu romance) pouco sabemos. No entanto se aguardar por melhor altura para ir ao cinema, julgamos que não perde grande coisa.

Dia 26 — Sábado — O VIGARISTA (M/18 anos)

Diz a apresentação que se trata de um carteirista. Há dias, em Lisboa um homem foi morto por ter tentado roubar uma carteira. A razão de tal acto estava no desemprego, na velhice desamparada e no muito mais que ficou por saber.

Procurará o filme mostrar essas razões mais profundas ou não passará de mais uma vigarice?

Dia 27, DOMINGO — MR. MAJES. TYK (M/18 anos)

Charles Bronson o ídolo das donzelas de coração palpitante, o protótipo de «macho» irresistível, o símbolo do oportunismo feito cinema. A violência como promotor de chorudos lucros.

Dia 29, 3.ª-Feira — JOHN E MARY (M/13 anos)

O ditado diz que em terra de cegos, quem tem um olho é rei.

Também dentro duma programação medíocre, um filme sofrível será de ver, se não houver melhor ocupação para a noite.

Casino

Dia 25, 6.ª-Feira, — QUANDO ELAS OS PÕEM FORA DE CASA (M/13 anos)

...o leitor, pelo contrário, deve ficar em casa se não tiver nada mais importante para fazer!

Mais um bom exemplo do que vivem os produtores e distribuidores cinematográficos!

Dias 26, 27 — Sábado e Domingo — E DERAM-LHE UMA ESPINGARDA (M/18 anos)

«Com sessenta e cinco anos, Dalton Trumbo, o «antigo» suspeito de actividades anti-americanas e vítima do período da «caça às bruxas» como um dos famosos «dez de Hollywood», realiza o seu primeiro filme».

Se você é daqueles que se queixa da má programação, que é regra geral em Espinho, não perca este filme em que «a personagem principal é um surdo-mudo, cego, sem braços nem pernas: uma vítima da guerra, ainda cheio de vida, que se dá pelo nome de Joe Barnham. Joe vive de sonhos de fantasmas, de recordações, da história da sua vida.»

Dia 28 — 2.ª-Feira — NOITE DE OUTROS TEMPOS (M/18 anos)

Há noites, dos tempos presentes, que merecem ser mais bem ocupadas.

Dia 30 — 4.ª-Feira — O GUARDA COSTAS DE FERRO (M/18 anos)

O Kung-Fu, soma e segue! Quando se saturará o público deste produto?

Na certeza de que, quando tal acontecer, novo mito será lançado, pelos comerciantes do filme.

FARMÁCIAS

Sexta-feira — Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46
Telefone, 920352

Sábado — Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263
Telefone, 920331

Domingo — Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319
Telefone, 920250

Segunda-feira — Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393
Telefone, 920320

Terça-feira — Grande Farmácia
Rua 62 n.º 457
Telefone, 920092

Quarta-feira — Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46
Telefone, 920352

Quinta-feira — Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263
Telefone, 920331

Nasce uma Cooperativa

(Conclusão da 1.ª pág.)

Uma actividade constante, para mobilizar as pessoas, para as atrair, para as fazer apoiar uma iniciativa tão importante e complicada como é uma Cooperativa cultural, tem de prosseguir. E houve mais cinema, novamente na Piscina, com o filme «Divórcio à Italiana», que agradou aos muitos sócios presentes. E houve teatro, no S. Pedro, com a presença de uma conhecida companhia profissional — o Teatro Experimental do Porto — que apresentou uma comédia de grande qualidade.

Enfim, a prova da vitalidade da Cooperativa está dada. Outras actividades estão já previstas, e que virão a ultrapassar a área restrita de Espinho, pois que a intenção da Cooperativa é lançar as suas iniciativas até atingir as freguesias, que é onde mais se tem feito sentir a falta de actividades deste tipo.

Mas, para que seja cada vez mais significativo o trabalho cultural a que a NASCENTE mete ombros, é necessária uma grande adesão de pessoas que se tornem sócios. Ser sócio da NASCENTE é uma atitude positiva, é uma forma de contribuir para o desenvolvimento cultural da região, é apoiar uma iniciativa que se integra no espírito do país novo que uns querem construir e outros impedir.

Apoie, inscrevendo-se. JÁ!

Salão Nobre do Grande Casino de Espinho

Baile das Velhas Guardas do Sp. Club de Espinho

SÁBADO, 26 ÀS 22 HORAS

Marcações no Casino

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA DE ESPINHO

ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito desta comarca, na Acção Ordinária de Divórcio, movida pelo autor ANÍBAL JOSÉ DE PINHO PINHAL, casado, operário, morador na Rua 37-A n.º 93, contra a ré MARIA ADELAIDE DE JESUS OLIVEIRA, casada, doméstica, residente em parte incerta de França e com última residência conhecida na dita Rua 37-A n.º 93, nesta cidade, é esta ré citada, para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de vinte dias, que começa a correr, depois de finda a dilação de trinta dias, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio e para no mesmo prazo, contestar o pedido de assistência judiciária, formulado pelo autor.

Espinho, 28 de Maio de 1976.

O Juiz de Direito, Subst.

a) Isilda Ferreira Torres

O Ajudante de Escrivão,

a) Américo Cordeiro Mora

PUBLICIDADE

O jornal não pode viver sem publicidade.

Daqui lançamos aos amigos um apelo para nos ajudarem com angariação de anúncios.

Para já temos uma boa notícia para todos os que necessitam arranjar emprego.

«Maré Viva» publicará gratuitamente os anúncios de pedido de trabalho.

MARÉ VIVA

Um jornal que precisa de ti.
Escreve-nos. Critica-nos.

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

UM VERÃO SECO?

No último dia 3 a população da cidade de Espinho e zonas limítrofes foi surpreendida por um acontecimento desagradável. Abriam-se as torneiras, fechavam-se as torneiras, tornavam-se a abrir, perguntava-se aos vizinhos e a resposta era sempre a mesma: NÃO HAVIA ÁGUA.

«Isto agora vai ser dia sim, dia não!» diziam os mais pessimistas. «Deve ser avaria», respondiam outros mais confiantes. E os Serviços não escapavam às críticas: «Eles lá no Porto avisam, mas aqui é assim, sem mais nem menos... e a gente fica desprevenida».

O certo é que após algumas horas a água voltou. E vai de encher baldes, jarros e bacias não fosse a água faltar outra vez. O que aliás veio a acontecer de novo no dia 11, já depois da nossa reportagem.

Algumas não terão ligado grande importância ao sucedido, mas a maioria ficou na expectativa. Sabem do Inverno excepcionalmente seco que tivemos, que em todo o País há falta de água, que nas aldeias os poços estão secos, que aqui bem perto, no Porto e arredores, há zonas em que a água é um luxo, que só aparece de vez em quando. O que se passou no dia 3 seria um acidente ou o princípio de um Verão de racionamento, como já vem acontecendo em tanto lado? Estaria a chegar a vez de Espinho?

«UM VERÃO MUITO DIFÍCIL»

O desejo de informarmos os leitores do que se passava e a nossa própria curiosidade fez-nos pegar em papel e lápis e dar um salto aos Serviços Municipalizados de Espinho.

Falámos primeiramente com o sr. José Reis, chefe da Secretaria, que começou por dizer que os Serviços não puderam avisar a população de Espinho. O que aconteceu foi que a água que vem do Porto, através de V. N. de Gaia, não veio. Adiantou que era provável que a água viesse a faltar mais vezes e que deveríamos ter um Verão de 76 muito difícil nesse aspecto. Falou-nos das obras que a Câmara Municipal do Porto está a fazer, mas que até estarem prontas (não se sabe ainda quando) vai continuar a haver problemas.

Para nos permitir uma melhor compreensão da situação, o sr. Reis forneceu-nos indicações quanto à rede de abastecimento de água a Espinho e que abrange, para além da cidade, as seguintes zonas:

- em Anta, o lugar da Estrada e o Monte Lírio
- em Silvalde, os lugares de Sales, Marinha e Formal, a estrada de Silvalde e a zona da passagem de nível do Vouga até Paramos

— em Paramos, os lugares da Marinha, Corredoura e parte do lugar da Estrada.

Agradecemos ao sr. Reis e fomos ver se conseguíamos apanhar o sr. Manuel Pereira, certamente a pessoa que mais directamente conhece as questões da água em Espinho, a ponto de por cá ser conhecido por «Manuel das Águas».

Consequimos o nosso objectivo e o sr. Manuel Pereira não se fez rogado: «Ate calha bem, porque eu já tencionava informar as pessoas de Espinho do que se passa». E começou por pôr os pontos nos ii: «Podem ter a certeza de que, se a gente tivesse sabido, tinha avisado a população. A verdade é que estas coisas acontecem assim de um momento para o outro e podem tornar a acontecer. O que sucedeu foi que de Gaia não nos mandaram água e nós estamos em grande parte dependentes deles. Andam a construir uma conduta do Douro para o rio Sousa, que está praticamente seco, e até ela ficar pronta (já devia ter ficado em Setembro do ano passado) vai continuar a haver problemas não só para nós, mas para toda a região que o Porto abastece».

AS MINAS DE CAÇUFAS E A RIBEIRA DO MOCHO

Aqui interrompemos, pois se estamos dependentes «em grande parte» entender-se-á que em Espinho há abastecimento próprio.

«E é o que nos vai valendo nos momentos mais difíceis», confirmou o sr. Pereira. «Mas até por aí a água vai escasseando. Nós tiramos água das minas de Caçufas, em Anta, perto de Nogueira e também dum poço, igualmente em Anta, junto à ribeira do Mocho».

«Quanto às minas de Caçufas, a água é cada vez menos. O lençol de água que aí existe está praticamente esgotado, sobretudo porque se construiu na zona grande número de habitações e daí o excesso de poços e portanto de consumo».

«Da ribeira do Mocho ainda se vai tirando bastante água, por meio do poço que lá se construiu. Mesmo assim pode-se vir a aproveitar mais água e para o efeito já se estão a fazer obras para uma barragem e um dreno artificial que podem vir a triplicar ou mesmo quadruplicar (se o tempo estiver húmido) a captação de água. Isto está a ser feito por sugestão dos Serviços e mereceu o parecer favorável da Direcção Hidráulica do Douro. Há 700 contos para a obra, que não vão chegar, mas até ver vai-se fazendo...»

Já que se estava a falar em obras, perguntámos se tencionavam ampliar a rede que nos pareceu reduzida.

«É evidente que esse é um objectivo que temos

sempre em vista. Aliás já há projectos para proceder ao alargamento e um dos mais urgentes é o abastecimento da zona do Liceu. Está-se também a pensar na construção de um depósito aéreo em Esmojães para se poder abastecer Anta e parte de Silvalde convenientemente».

«Entretanto, há outras obras previstas. A elevatória que conduz a água das minas e do poço para os depósitos, no cimo da rua 19, está muita antiquada e vai ser substituída por uma nova com cerca de um quilómetro de comprimento».

«Deve ainda chegar dentro de pouco tempo uma sonda vinda do estrangeiro e já se conseguiu que, antes de percorrer o País, vá abrir um poço para o Hospital».

«ACABANDO-SE COM OS GASTOS SUPÉRFLUOS, NÃO DEVE HAVER PROBLEMAS»

Sugerimos que se voltasse ao dia 3 e se falasse das circunstâncias em que a água faltou.

«A água não faltou em toda a rede ao mesmo tempo. Foi dividida por zonas e em cada uma só faltou algumas horas. Só a parte acima da avenida 24 esteve sempre abastecida por causa do Hospital».

«O que não vamos poder evitar é que a água continue a ser fornecida a uma pressão inferior à normal. Mesmo assim prevejo um Verão muito mau. O consumo está sempre a aumentar e as reservas são cada vez menores. Se as pessoas se convencerem de que é preciso acabar com os gastos supérfluos de água, talvez não surjam problemas».

Sugerimos que a exemplo do que se faz para o consumo de energia, deveria haver uma campanha para a poupança de água.

«Isso era bem preciso. Para lhe dar uma pequena ideia de como essa poupança era importante, repare no seguinte. Está a ver como o céu está encoberto? Pois tenho a certeza de que amanhã vou encontrar os depósitos cheios. E isto porquê? Porque as pessoas pensam que vai chover e deixam de lavar os terraços, os passeios, as montras, de regar os quintais e, mesmo que não chova, essa água que se deixou de gastar aparece toda no dia seguinte. Por aqui se pode ver que, se a população de Espinho se convencer de que só deve gastar a água que é mesmo necessária, ela chega com certeza para todos».

E aqui terminámos a nossa conversa com este apelo final, que dá certas esperanças quanto ao problema da falta de água. Assim a gente que se serve da água de Espinho queira dar uma ajuda.

«No poupar é que está o ganho», lá diz o ditado.

A política é o ópio do povo

«A política é o ópio do povo», dizia o panfleto que há dias foi calmamente distribuído em algumas ruas de Espinho e, ao que parece, também em outras terras. Que significado lhe dar? Brincadeira de quem se diverte com coisas sérias, ou brincadeira séria de quem não desiste de descobrir novas formas de tentar desmobilizar as pessoas da resolução dos problemas deste país? E isto porque os autores do panfleto sabem bem que a política não é um ópio, não faz as pessoas sonhar com mundos fantásticos, antes as desperta para os problemas do mundo real — e é isto que há alguns que não estão mesmo nada interessados que aconteça.

De qualquer modo, uma atitude a registar. É mais um aviso, talvez a brincar, talvez a sério. Mas um aviso. De que há quem prefira o ópio da droga e tema a política do povo. Estamos todos avisados. E armados da certeza de que a política, que uns fingem acreditar que é ópio, é para outros, para a esmagadora maioria, uma necessidade muito importante: a de não se deixarem enganar, a de desmascararem aqueles que, por muitos processos, nos querem afastar da grande vitória destes dois últimos anos: a descoberta de que a política não é mais do que conhecer o mundo para melhor o transformar.

ESPINHO:

3 anos de ser cidade

Decorreram com inesperado brilho e forte adesão popular os festejos comemorativos da passagem de Espinho a cidade.

O programa da festa, com espectáculos musicais e as tradicionais barracas de sardinha assada, teve o seu ponto alto no espectáculo a cargo do ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO que pela diversidade e colorido prendeu até hora adiantada a atenção dos milhares de pessoas presentes no recinto da feira.

Feliz ideia esta da Comissão de Festas de Verão que lembra, da melhor forma, uma data que, ditada embora em ano de «eleições» fascistas, diz muito ao coração dos espinhenses e de todos quantos a esta cidade prendem negócios ou simples diversão.

Inscreve-te

na Cooperativa

NASCENTE

GAZETILHA

S. JOÃO (A dois tempos)

SATÍRICO:

Dois terços do Globo, são
Domínio da água do mar.
O resto... Nem S. João
É capaz de congraçar!

«Móveis de reprodução»!
Como sobe a sua fama
Na quadra de S. João!
Vendeu-se já muita... cama!

Para as eleições, um prato,
S. João, eu te requeiro:
Manda vir arroz de pato,
Não imoles o carneiro!

Meu S. João, põe-me à frente
Da eleição, na maioria...
Que eu jurei a toda a gente
Que era só eu quem vencia!

LÍRICO:

Do Brasil, Chico Buarque
Trouxe saudades sem fim
Pra trocar, no reembarque,
Por cravos, por alecrim...

Viola ao peito, vem cantar
Ao S. João, desgarrada;
Do Amor, fogueiras saltar,
Para além da madrugada.

Veio, pá, como queria,
Folgar com a nossa gente;
Fundir, na nossa alegria,
A sua Poesia quente!

E leva, no seu bernal
De tantas emoções rico,
«Cheirinho» de Portugal
Num vaso de manjerico!...

ALBERTO BARBOSA (BEKA)

Caso « Vigorosa »

Patrão declara Pires Veloso interessado no problema

A situação da empresa «A Vigorosa», já referida no último número de «Maré Viva», mantém-se neste momento num completo impasse: a entidade patronal recusa-se terminantemente a cumprir as tabelas salariais indicadas pelo Contrato Colectivo de Trabalho dos Metalúrgicos. Invoca em sua defesa o facto da situação económica da empresa ser má. Os trabalhadores reivindicam ainda o pagamento de uma dívida de 956 contos que a entidade patronal ficou obrigada a pagar em processo judicial no ano de 1974. Por outro lado, se compararmos com outras empresas mais pequenas e com equipamento técnico deficiente — mas que cumprem efectivamente o contrato — «A Vigorosa», empresa com condições superiores a muitas outras, deveria pagar os salários do Contrato.

Entretanto, novos dados chegam ao nosso conhecimento. Em reunião havida em 4 do corrente mês, no ministério do Trabalho, e na qual participaram Manuel Pinto da Silva, do Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro; Domingos Gui-

marães, António Borges, Joaquim Pinto da Silva e Domingos da Rocha, da Comissão de Trabalhadores de «A Vigorosa»; dr. Amílcar Santos, do ministério do Trabalho e Mário Alberto Soares Pereira, pela entidade patronal, este último reforçou a posição já conhecida, invocando argumentos utilizados anteriormente, para além de ter alertado «para o facto de haverem organismos oficiais interessados em resolver os problemas de uma forma rápida e eficaz». Ao pedido de esclarecimento feito pelo representante do M. T., Mário Alberto Pereira informou que esses organismos seriam «a Região Militar do Norte, na pessoa do Brig. Pires Veloso». Finalmente, o representante da entidade patronal acrescentou que seriam instaurados processos disciplinares a todos os trabalhadores, individualmente.

Para já, os operários, sem trabalho há mais de dois meses, aguardam que o ministério do Trabalho, a exemplo do que tem sido feito em muitos casos semelhantes, passe as credenciais que lhes permitam recomeçar a laboração.

Cooperativa de Consumo dos Trabalhadores da Fábrica Progresso Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

Notária: Maria Fernanda de Vasconcellos de Aguiar da Fonseca e Castro

Certifico que, por escritura de hoje, de folhas 56 a folhas 63 do livro deste cartório B-45, foi constituída uma sociedade cooperativa sob a forma de sociedade anónima de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe.

A Cooperativa tem a sua sede em Espinho, provisoriamente na Rua 8, 1111.

O seu objectivo é fornecer a todos os sócios artigos de consumo e de utilidade, tais como géneros alimentícios, vestuário, calçado e outros, directamente ou por intermédio de estabelecimentos, com os quais venha a estabelecer contrato. A Cooperativa poderá ainda dedicar-se a actividades culturais, recreativas, desportivas e outras que a Direcção julgue de interesse e sejam permitidas por lei. Quaisquer actividades deste tipo só serão postas em prática havendo possibilidades da Cooperativa e orientar-se-ão por regulamento próprio elaborado pela Direcção e aprovado em Assembleia Geral.

O capital social cujo mínimo é de 7.000\$00, já integralmente realizado em dinheiro, é representado por acções de 100\$00 cada uma. Podem ser sócios os empregados e operários (incluindo os invá-

lidos e reformados) da Fábrica Progresso, com sede em Espinho, e de quaisquer sociedades de que esta seja sócia, os corpos gerentes da Fábrica Progresso ou de quaisquer sociedades de que esta seja sócia, os empregados ou assalariados da Cooperativa. Estes os ordinários. Os herdeiros dos sócios ordinários falecidos e aqueles que embora não façam parte do quadro de pessoal da Fábrica Progresso ou das suas sociedades tenham já exercido a sua actividade profissional nestas empresas.

Estes os extraordinários. Finalmente, podem ser sócios colaboradores a Fábrica Progresso e as (empresas referidas na, digo) empresas de que ela seja sócia e sócios honorários qualquer sócio de qualquer das categorias anteriores que tenham prestado à Cooperativa relevantes serviços e que a Assembleia Geral o proclame.

Está conforme ao original.

Espinho e Cartório Notarial, 8 de Maio de 1976.

A Ajudante do Cartório,

a) Berta da Silva Lopes Dias de Carvalho

«Maré Viva», N.º 1 de 25-6-76

MARÉ VIVA

interessa aos trabalhadores

TRABALHO

AGORA NA IDANHA...

Patrão na Venezuela, operárias no desemprego

O patrão abandona a sua empresa, a fábrica fecha, os operários são lançados no desemprego. Situações destas têm aparecido todos os dias nos grandes jornais quando a dimensão da empresa e o número de trabalhadores o justificam. A união dos trabalhadores na luta pelos seus postos de trabalho consegue frequentemente vencer os obstáculos e a empresa sobrevive e recupera muitas vezes o equilíbrio financeiro. As situações nem sempre são fáceis de resolver e os Sindicatos e o ministério do Trabalho são envolvidos na resolução da situação.

Mas quantas vezes se passará o mesmo com empresas pequenas que passam despercebidas no meio das grandes lutas laborais? Quantos trabalhadores ficarão desempregados sem que os grandes jornais dêem a conhecer a sua situação?

O caso que hoje relatamos é um exemplo típico destas situações que, longe do domínio público, se multiplicam de Norte a Sul do País.

Na Idanha (Anta), uma pequena fábrica de botões ocupava 4 operárias que, desde há mais de três anos, dali tiravam o seu ganha-pão. Os habitantes da Idanha habituaram-se ao barulho das máquinas rudimentares que saía dum pequeno portão junto ao principal largo do lugar.

De um dia para o outro, o barulho cessa, a porta aparece fechada. Que se passaria? A fábrica teria fechado ou seria apenas um período de férias?

Uma notícia que corria parecia responder a todas estas perguntas: o patrão, sr. Jorge Henriques da Costa, abandonara o País, rumo à Venezuela, depois de vender o automóvel e as máquinas da sua empresa.

Ao sabermos disto, resolvemos indagar da posição das operárias face à situação que lhes fora criada. Já na Idanha fomos informados que as máquinas se en-

contravam já a desmontar e que as operárias não se encontravam no seu local de trabalho.

Na impossibilidade de contactarmos o conjunto das operárias, decidimos deslocar-nos a casa de uma delas.

MENOS DE 2.000\$00 MENSAIS

Foi em Guetim que fomos encontrar em sua casa Margarida Alves, que acompanhada pela sua mãe, nos contou tudo o que se passara.

«O patrão mandou-nos para férias, há mais de um mês, pela primeira vez durante três anos que lá trabalhei. E as férias deram nisto. Vendeu o automóvel, as máquinas e pôs-se a andar, sem nos dar qualquer satisfação.»

Quisemos saber qual o salário que as operárias auferiam.

«Ganhávamos todas 70\$00 por dia, o que com os descontos dava 385\$00 por semana. Nunca tivemos férias, nem subsídio de férias. O ordenado era pequeno mas as outras não se mexiam e não era eu que me ia mexer sozinha.»

Perguntámos o que teria levado o patrão a abandonar a fábrica e foi a mãe de Margarida que nos respondeu.

«O negócio dava pouco, estava-se a vender cada vez menos e ele não esteve com meias medidas: arranjou as coisas para se pôr a monte e espetou com o pessoal em casa. Era porque tinha dinheiro seu, senão não ia.»

AS OPERÁRIAS NÃO ESTAVAM SINDICALIZADAS

O salário inferior a 2.000\$00 mensais, muito abaixo do salário mínimo nacional, deixava perceber que as operárias não es-

tavam sindicalizadas. A posição de conformismo que era evidente não nos parecia a melhor maneira de enfrentar a situação de desemprego.

«A gente tinha pensado em sindicalizar-se, mas acabou por continuar tudo na mesma. Agora que me mandaram embora, também não vou aparecer lá na fábrica a pedir uma esmola.»

Vimos os talões dos salários e notámos que a Margarida descontava para o Fundo de Desemprego, o que lhe dava direito ao subsídio de desemprego.

A mãe de Margarida que nos parecia mais combativa e menos conformada que a filha aproveitou:

«É assim como vêem: meteu-se em casa e não trata de remediar a vida dela. Pode muito bem ir buscar o subsídio, que já dava jeito até ela arranjar outro emprego. Pôs-se aqui à espera do namorado que está lá para fora e não fez nada para ter aquilo a que tem direito. O que lhe vale é ter-nos a nós, senão o que é que ela ia fazer? Mesmo assim a gente também leva uma vida difícil. Tenho sete filhos, o meu marido ganha pouco e o que nos vai valendo é uma outra filha que tenho e que trabalha no Violas. Ela tem que se mexer e ver também se vai buscar alguma indemnização à família do patrão, porque ele podia muito bem ter dado um arranjinho.»

A Margarida não parecia muito convencida. O seu isolamento das outras operárias, de alguém em que se apoiar, a falta de contacto com qualquer organização de trabalhadores, em suma, a incompreensão de que é vítima de uma situação injusta que lhe foi criada e da qual não tem responsabilidade fazem-na cair no conformismo. Talvez porque a situação em que se encontra não é dramática, a fome não aperta demasiado, não há filhos para sustentar. E se houvesse?

INDÚSTRIA DE TAPETES**Colóquio na Piscina**

Promovido pela organização local do P.P.D., realizou-se no passado dia 4, no Salão da Piscina de Espinho, um colóquio subordinado ao tema «A Crise da Indústria Artesanal de Tapetes na Zona de Espinho».

Apesar da actualidade do tema e do largo número de pessoas — trabalhadores e pequenos industriais — nele directamente interessadas, a assistência não ultrapassou escassas dezenas de pessoas. É pena.

Pode apontar-se como razão para tal o facto de se tratar de uma iniciativa partidária. A forma um tanto anárquica como foram conduzidos os trabalhos, com posições defendidas de improviso, contribuiu também para agravar o fracasso em que a sessão se cifrou.

Seria bom que entidade independente e com melhor capacidade de organização retomasse a ideia que é boa. De sua parte, «MARÉ VIVA» promete, no mais breve prazo possível, publicar o estudo que o assunto merece.

TAPETEIROS — novas tabelas salariais

Os trabalhadores tapeteiros passaram a ganhar mais a partir de 1 de Março de 1976.

A importante vitória agora conseguida culmina uma longa e tenaz luta que se iniciou em 5 de Março de 1976 com a denúncia, pelo Sindicato, do C.C.T. em vigor desde 1 de Março de 1976.

Numa primeira reunião realizada na Delegação da Secretaria de Estado do Trabalho de Aveiro, as partes — Sindicato dos Tapeteiros do Distrito de Aveiro e Associação das Indústrias Têxteis Algodoeiras e Fibras — VII Secção — «Tapetes e Carpetes» dos Distritos do Porto e Aveiro — comprometeram-se a apresentar as suas propostas, para discussão, até ao dia 22 do passado mês de Março.

Limitou-se, porém, a Associação, dentro do prazo acordado, a fazer uma

longa exposição sobre «as dificuldades do sector» sem adiantar qualquer contra-proposta que servisse de base à negociação, o que levou o Sindicato a prorrogar o prazo de apresentação por mais 4 dias.

A nova violação do compromisso e a conclusão de que era impossível a concessão de «quaisquer aumentos de vencimentos» esteve na origem da paralização dos trabalhadores tapeteiros que viria a terminar com a entrada em vigor de uma tabela salarial provisória e o recurso ao processo de arbitragem sugerido pela União dos Sindicatos de Aveiro/Intersindical.

É o resultado dessa arbitragem que publicamos no quadro anexo: nele se indicam os salários que vigoraram até 1 de Março e os que vigoram a partir daquela data, bem como os aumentos percentuais conseguidos.

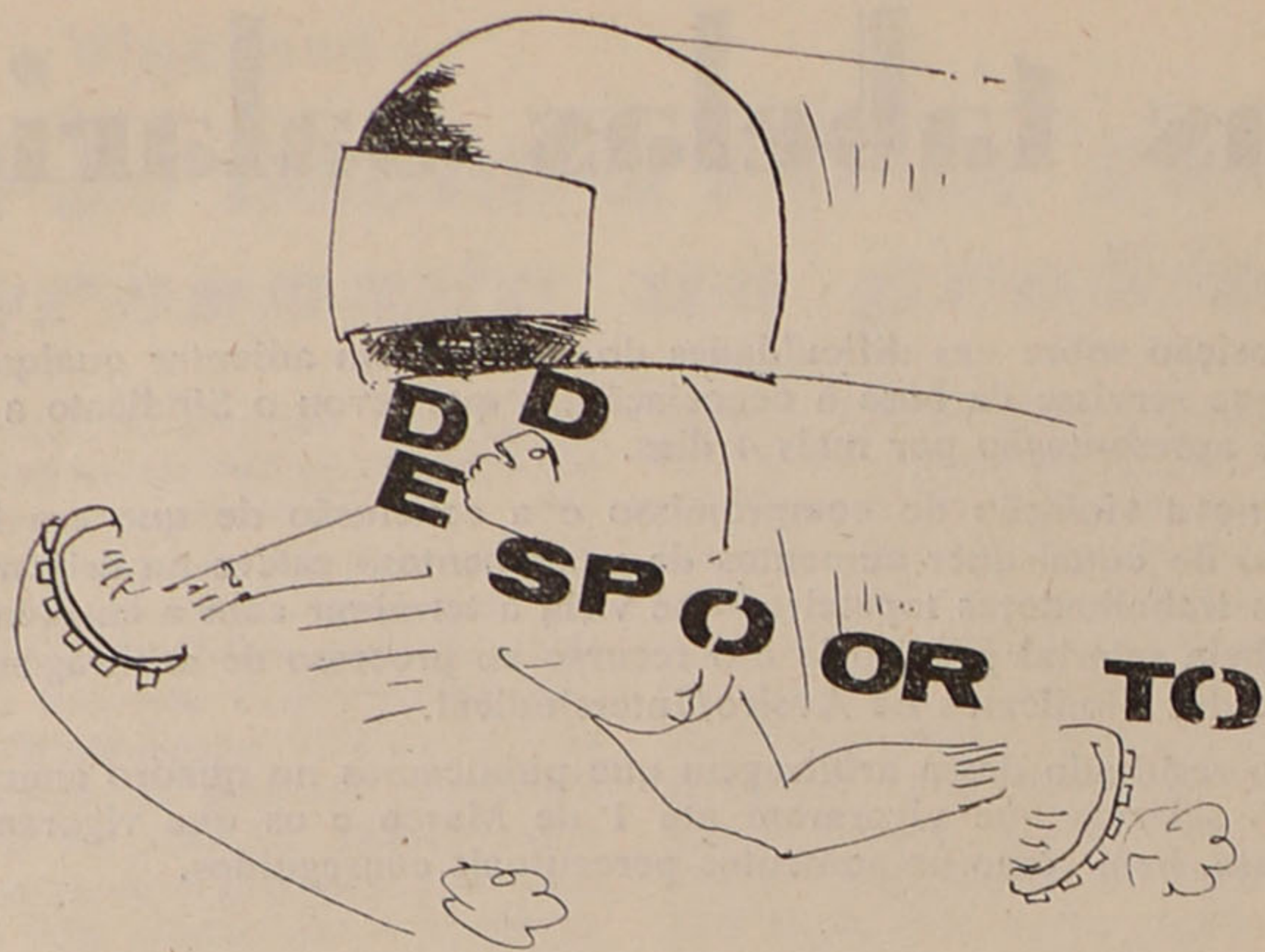
Categorias Profissionais	Salário em vigor até 1/3/1975	Tabela Provisória	Salário em vigor desde 1/3/76	Categorias Profissionais	Salário em vigor até 1/3/1975	Tabela Provisória	Salário em vigor desde 1/3/76
PESSOAL QUE APOIA A PRODUÇÃO							
Programador e preparador de fabrico têxtil	9.000\$00	9.500\$00	9.650\$00	Auxiliar de operador de maquinista de latexção	5.500\$00	6.500\$00	6.700\$00
Planificador têxtil	8.000\$00	8.500\$00	8.650\$00	Tapeteiro-capacheiro manual de 1. ^a	5.500\$00	6.500\$00	6.700\$00
Controlador de mão-de-obra	7.000\$00	7.550\$00	7.650\$00	Tapeteiro-capacheiro manual de 2. ^a	5.400\$00	6.400\$00	6.600\$00
Controlador de mão-de-obra e produção	6.750\$00	7.300\$00	7.400\$00	Estampador	5.500\$00	6.500\$00	6.700\$00
Controlador de armazém	6.250\$00	7.000\$00	7.250\$00	Tapeteiro manual de 1. ^a	4.050\$00	4.550\$00	4.900\$00
Cronometista	6.500\$00	7.050\$00	7.300\$00	Tapeteiro manual de 2. ^a	4.000\$00	4.500\$00	4.850\$00
Encarregado de armazém	7.000\$00	7.750\$00	7.900\$00	Acabadeira de 1. ^a	4.050\$00	4.550\$00	4.900\$00
Embalador	5.500\$00	6.500\$00	6.750\$00	Acabadeira de 2. ^a	4.000\$00	4.500\$00	4.850\$00
Técnico — Mecânico têxtil	8.500\$00	9.000\$00	9.200\$00	Apartadeira de fios de 1. ^a	4.050\$00	4.550\$00	4.900\$00
Afinador mecânico têxtil	8.000\$00	8.550\$00	8.650\$00	Apartadeira de fios de 2. ^a	4.000\$00	4.500\$00	4.850\$00
Ajudante afinador mecânico têxtil	6.500\$00	7.050\$00	7.300\$00	Não especializado masculino	5.250\$00	6.000\$00	6.150\$00
Porteiro fabril	5.250\$00	6.000\$00	6.250\$00	Não especializado feminino	4.000\$00	4.500\$00	4.750\$00
Guarda fabril	5.000\$00	6.000\$00	6.250\$00	PRATICANTES DO SEXO MASCULINO			
Estafeta fabril	4.500\$00	5.000\$00	5.500\$00	Com mais de 20 anos	4.750\$00	5.500\$00	5.600\$00
PESSOAL DE FABRICO				Praticante do 1. ^o ano	3.500\$00	4.250\$00	4.400\$00
Encarregado técnico	9.000\$00	9.500\$00	9.650\$00	Praticante do 2. ^o ano	4.000\$00	4.750\$00	4.900\$00
Encarregado geral	8.000\$00	8.750\$00	8.850\$00	APRENDIZES DO SEXO MASCULINO			
Encarregado de secção	7.000\$00	7.750\$00	7.950\$00	Aprendizes do 1. ^o ano	1.800\$00	2.500\$00	2.500\$00
Subencarregado de secção	6.500\$00	7.250\$00	7.350\$00	Aprendizes do 2. ^o ano	2.400\$00	3.100\$00	3.200\$00
Encarregado de secção manual	5.000\$00	5.550\$00	5.650\$00	Aprendizes do 3. ^o ano	3.250\$00	4.000\$00	4.000\$00
Chefe da equipa masculina	6.250\$00	7.000\$00	7.150\$00	PRATICANTES DO SEXO FEMININO			
Chefe da equipa feminina	4.750\$00	5.250\$00	5.400\$00	Praticantes com mais de 20 anos	4.000\$00	4.500\$00	4.600\$00
Desenhador chefe	9.000\$00	9.500\$00	9.600\$00	Praticantes do 1. ^o ano	3.250\$00	4.680\$00	4.000\$00
Desenhador	8.000\$00	8.750\$00	8.850\$00	Praticantes do 2. ^o ano	3.750\$00	4.500\$00	4.500\$00
Auxiliar de desenhador	6.500\$00	7.050\$00	7.250\$00	APRENDIZES DO SEXO FEMININO			
Copista	5.500\$00	6.050\$00	6.250\$00	Aprendizes do 1. ^o ano	1.750\$00	2.250\$00	2.250\$00
Encarregado técnico de tinturaria	10.000\$00	10.500\$00	10.600\$00	Aprendizes do 2. ^o ano	2.250\$00	3.080\$00	3.000\$00
Técnico de tinturaria	9.000\$00	9.500\$00	9.750\$00	Aprendizes do 3. ^o ano	3.000\$00	3.700\$00	3.750\$00
Ajudante técnico de tinturaria	6.000\$00	6.750\$00	6.900\$00				
Chefe de laboratório	9.000\$00	9.500\$00	9.600\$00				
Analista de laboratório	8.000\$00	8.550\$00	8.750\$00				
Auxiliar de laboratório	6.000\$00	6.750\$00	6.900\$00				
Pesa drogas	5.750\$00	6.750\$00	6.850\$00				
Operador maquinista de tinturaria	5.500\$00	6.500\$00	6.700\$00				
Urdidor de teias	5.500\$00	6.500\$00	6.700\$00				
Técnico de corte de alcatifas	6.000\$00	6.750\$00	6.900\$00				
Cortador de alcatifas	5.500\$00	6.000\$00	6.750\$00				
Assentador de alcatifas	6.000\$00	6.750\$00	6.900\$00				
Tecelão mecânico de 1. ^a	6.250\$00	6.850\$00	7.050\$00				
Tecelão mecânico de 2. ^a	6.000\$00	6.650\$00	6.800\$00				
Auxiliar de tecelão	4.500\$00	5.100\$00	5.200\$00				
Auxiliar de tecelão	4.000\$00	4.750\$00	5.000\$00				
Oper. ^a maquinista do 1. ^o grupo	5.500\$00	6.500\$00	6.700\$00				
Oper. ^a maquinista do 2. ^o grupo	4.000\$00	4.550\$00	4.900\$00				
Oper. ^a maquinista do 3. ^o grupo	4.000\$00	4.550\$00	4.850\$00				
Operador de empilhadeira	5.750\$00	6.750\$00	7.050\$00				
Operador maquinista de laboração	6.250\$00	7.000\$00	7.150\$00				
Preparador de produtos de laboração	5.750\$00	6.660\$00	6.800\$00				

É de acentuar que para as categorias profissionais de Operadoras Maquinistas do 2.^o e 3.^o Grupos, Tapeteiras Manuais de 1.^a e 2.^a, Acabadeiras de 1.^a e 2.^a e Apartadeiras de Fios de 1.^a e 2.^a poderão ser estabelecidos salários inferiores aos da Tabela anexa desde que, perante razões fundamentadas, designadamente a intervenção ou assistência do Estado na empresa, por motivo de dificuldades económicas ou financeiras, ainda que transitórias, se verifique o acordo prévio dos trabalhadores ratificado pelo Sindicato.

Porém, a redução salarial não poderá ser inferior a 4.650\$00 para as

Operadoras Maquinistas do 2.^o Grupo, Tapeteiras Manuais de 1.^a, Acabadeiras de 1.^a e Apartadeiras de Fios de 1.^a e 4.600\$00 para as restantes categorias profissionais.

Todavia, tal redução salarial — a verificar-se — determinará a institucionalização imediata do contrato organizado da produção por parte dos trabalhadores, designadamente através das comissões de trabalhadores, comissões sindicais ou delegados sindicais quando os houver.



DIREITO AO DESPORTO

«O Clube Académico de Espinho nasceu há 19 anos, em 9 de Março de 1957. Começou tudo numa brincadeira de amigos que se reuniam numa barbearia da Rua 8, em frente à passagem de nível da 33. A primeira modalidade foi o futebol amador, que ainda hoje praticamos. Em virtude da falta de verba cada jogador e amigo do clube tinha, e continua a ter, de pagar cotas, viagens, equipamentos e aluguer do campo para treinos.»

Isto começou por nos dizer o senhor José Martins Ferreira, ligado ao referido clube e que ouvimos porque a nossa intenção ao incluímos no nosso jornal artigos sobre desporto é a de divulgar o desporto mais mal conhecido, o desporto amador, o desporto popular, não apenas o desporto dos «grandes» clubes que vivem de grandes quantidades de dinheiro (ou de dívidas...).

Mas voltemos ao Académico e ouçamos da sua luta para existir:

«Desde sempre tivemos dificuldades financeiras e, além disso, poucos sócios. Actualmente devemos ter à volta de cento e tal sócios a pagarem uma cota de dez escudos mensais, havendo alguns que pagam 20 escudos.»

Neste tipo de pequenos clubes as actividades não são, em geral, muito numerosas, mas tem a vantagem de que a maioria dos sócios não se limitam a ficar na bancada pois são os próprios atletas.

«Ao longo de todos estes anos organizamos várias provas de ciclismo com o apoio da Câmara Municipal, torneios de futebol de salão com a colaboração do Espinho e do Jornal de Notícias, etc.

Fizemos já várias deslocações a Espanha e a vários pontos do país, sempre para jogar futebol. Agora, em Ju-

nho, contamos ir a França jogar com uma equipa de portugueses que lá vivem.

As actividades do clube actualmente são a pesca desportiva, futebol de salão e futebol de onze, todas elas amadoras. A secção de pesca inscreveu-se agora na Associação de Pesca do Norte e foi convidada a estar presente num concurso internacional na Póvoa de Varzim.»

Os clubes amadores, pela sua pouca projecção e por uma errada ideia daquilo que é o desporto, não têm o apoio de muitas pessoas. Por isso as dificuldades com que se defrontam são enormes e só com muita boa vontade lá vão vivendo. O Académico não é excepção.

«Uma das maiores necessidades que temos actualmente é uma sede, só que nos falta o dinheiro que precisávamos para a conseguir. Se a tivéssemos até tínhamos ideia de criar novas secções de atletismo e ténis de mesa.

Para procurarmos minorar as nossas dificuldades financeiras temos organizado diversas festas populares em Silvalde e temos participado nas festas de S. Pedro.

Já agora queria aproveitar para comunicar aos sócios e simpatizantes do clube que neste Verão poderão ver, no Salão da Piscina, filmes relembrando os tempos passados do nosso Clube.»

Uma história simples que fica, um dos muitos casos em que as pessoas se organizam voluntariamente para procurar ocupar com vantagem os seus tempos livres. Neste caso com a prática do desporto, sem grandes pretensões, sem fanatismos, sem necessidade de atrair multidões porque o importante é praticar, gozar de um direito que deve ser de todos os portugueses: o Desporto.

RESULTADOS

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão 38.ª jornada

Gil Vicente, 1 — Espinho, 0
Famalicão, 3 — Lamas, 1
Covilhã, 6 — Feirense, 4
Lourosa, 3 — Riopele, 2

CLASSIFICAÇÕES

3.º Lourosa — 45 pontos
7.º Lamas — 40 »
9.º Espinho — 38 »
15.º Feirense — 34 »

Campeonato Nacional da 3.ª Divisão Série A

P. de Brandão, 1 — Esposende, 0
O Paços de Brandão classificou-se em 15.º lugar com 33 pontos.

Campeonato Nacional de Juniores da 2.ª Divisão

Feirense, 2 — Chaves, 1
O Feirense ficou apurado para a final a disputar com o Almada.

VOLEIBOL

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão Feminino (Fase Final)

Espinho, 2 — Acad. de Braga, 3

Final do Torneio de Encerramento de Juvenis

AAE, 2 — Milheirós, 3

HÓQUEI EM PATINS

Campeonato Regional de Infantis

Valongo, 1 — AAE (A), 0
AAE (B), 2 — Ovarense, 0

HÓQUEI EM CAMPO

Campeonato Nacional de Seniores

Lamas, 2 — Atlético, 0
Lamas, 1 — F. Benfica, 0

BÚLGAROS EM ESPINHO

Promovido pelo S.C.E., A.A.E., Esmoriz G. C. e sob a orientação da F. P. de Voleibol, realizou-se no passado dia 9, no pavilhão da A. Académica, um convívio de animação à prática do voleibol integrado na semana de amizade desportiva Bulgária-Portugal.

Participaram neste convívio uma Selecção Búlgara, a equipa do S.C.E., um misto com jogadores dos Carvalhos, Madalena, A. A. Coimbra, C.D.U.P., Esmoriz, Oliveirense e ainda os iniciados da A. Académica e do S. Espinho.

O programa começou às 15 horas com o jogo de iniciados.

Seguiram-se depois dois «sets» respectivamente entre a Selecção Búlgara e o S.C.E., e essa mesma Selecção com o misto.

Nota saliente deste convívio, foi a grande afluência de crianças ao Pavilhão.

Cerca de 2.000 a 2.500 miúdos das escolas primárias de Espinho, Anta, Silvalde, Guetim, Paramos, Esmoriz e ainda alunos do liceu, da escola industrial e escola preparatória estiveram presentes.

Sarau de Ginástica da A. A. E.

Realizou-se no passado sábado, à tarde e à noite, o Sarau de Ginástica da A.A.E.

Esta modalidade, na qual a A.A.E. conseguiu atingir papel de relevo, parece-nos que se encontra actualmente em fase de reestruturação. Este ano estiveram inscritos nas diferentes classes mais de 200 ginastas.

Da parte da tarde, o programa consistiu da apresentação da Classe Mista (3 a 5 anos), Classes Educativas (4 classes dos 6 aos 10 anos) e da participação de crianças de todo o concelho.

À noite exibiram-se nos diversos aparelhos as classes pré-desportivas, Rítmica e Especial.

Maré Viva
O JORNAL
DA REGIÃO

FUTEBOL

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão ESPINHO, 1 — CHAVES, 0

Jogo no Campo da Avenida.

Árbitro — Moreira Tavares.

ESPINHO — Abrantes; Ribeirinho, Washington, Gonçalves, Pinto Ribeiro; Meireles, Gentil, Magano (Hélder); Eduardo, Lemos, Malagueta.

CHAVES — Maia; Alcino, Branco, Malano, Eduardo; Duque, Brandão, Quim; Leal, José Pedro, Betinho (Cruz).

Golo: Gentil de penalty aos 45 m.

Cartão Amarelo: Alcino aos 25 m.

Um jogo bem disputado, tendo o Espinho dominado mais e criado mais oportunidades de golo, pelo que a vitória lhe assenta perfeitamente.

Os espinhenses começaram o jogo mais afoitos na ofensiva. No entanto, só aos 15 m. teriam a primeira grande oportunidade de golo, quando Malagueta, na marcação de um livre indirecto à entrada da área, atirou fortíssimo à trave.

O Chaves, no entanto, não se limitou a defender, contra-atacando sempre que podia e com certo perigo, pois aos 31 m. até dispôs de uma oportunidade soberana de abrir o activo, quando numa jogada de confusão dentro da grande área espinhense, os seus avançados fizeram o mais difícil.

O jogo viria a decidir-se aos 45 m., quando o árbitro assinalou uma grande penalidade bastante duvidosa, já que a falta cometida sobre Malagueta nos pareceu ter sido fora da grande área. Gentil viria a converter o «penalty» no golo da vitória espinhense.

A segunda parte decorreu numa toada de equilíbrio com algumas oportunidades para ambos os lados, mas o resultado não viria a sofrer alteração.

Branco, Duque e José Pedro no Chaves e Washington, Gentil e Malagueta no Espinho, foram os melhores. A arbitragem foi boa, tendo como senão o «penalty» assinalado e que como já dissemos nos pareceu bastante duvidoso.

MATA E RIO LARGO

Lavadouro: urge uma solução

A mulher. Muitos problemas a afetam e foi agora a vez de nos virarmos para a mulher do Rio Largo e a ouvirmos sobre um aspecto que já vem sendo discutido desde há tempos e pelo qual muito anseia e necessita.

Era manhã. Metidas no rio, ainda baixo, mulheres de várias idades lavavam.

Dirigimo-nos ao seu encontro. Um facto ressaltava. Toda a espécie de detritos cobria o fundo.

«Maré Viva» — Porque vêm lavar ao rio?

— Porque não temos tanques em casa e nas poucas em que existem são muito pequenos e sem torneira, o que obrigaria a ter que andar a acartar a água e a mudá-la constantemente. Com meia dúzia de peças lá se tinha que mudar a água. Aqui lava-se melhor e mais depressa.

Inquirindo sobre os defeitos e inconvenientes do rio elas foram começando a falar.

— Ai, é o lixo... Já andaram a limpar o rio mas até parece que ainda ficou pior.

— Sim, sim, vinha cá uma camioneta ser lavada e era uma porcaria, tripas e escamas de peixe a boiarem na água... e então com o calor...

— Ainda por cima vêm aqui ter os esgotos, estas casas ainda não têm saneamento.

— Porca? Não, a água não é porca. É corrente, o fundo é que é uma lixeira, mas a água é branca, limpa.

— Muita gente daqui das redondezas vem lavar ao rio, logo à tarde isto está cheio...

— Mas isto não é nada aconselhável, faz muito mal estar metido na água. No Inverno, naqueles que não são muito rigorosos, vimos de galochas e dois pares de meias. De qualquer modo não é bom...

— O que era bom era fazer-se um lavadouro público. Já, já pusemos o problema à Câmara e ainda nada foi resolvido. Por isso aspiramos nós há muito tempo...

Apurámos que dentre as mulheres que ali estavam algumas vinham de perto do campo de futebol, onde vivem.

Percorrem, carregadas de bacias com roupa, o trajeto de uma ponta a outra da cidade. Lá, a situação é idêntica, o rio é alvo de despejo dos óleos provenientes das fábricas.

Uma situação.

Apenas um fragmento do quotidiano.

Urge uma solução.

Falando dos mais pequenos

(A CRIANÇA E O ENSINO)

NASCENTE, Cooperativa de Acção Cultural, celebrou o Dia Mundial da Criança, quer proporcionando aos miúdos alguns momentos de convívio, quer promovendo uma pequena jornada de reflexão sobre a própria criança. Assim, houve colóquio na Piscina. Tema — «A CRIANÇA E O ENSINO». Presentes bastantes pessoas interessadas, sobretudo professores primários e pais. Presidiu Bernardino Neto, professor de Pedagogia da Escola do Magistério Primário do Porto.

Após breve introdução, começou por falar o inspector André sobre as relações criança-comunidade. Lembrando que as crianças passam a maior parte do tempo longe da acção directa do professor, sublinhou a importância educativa da família, do grupo de amigos e da comunidade em geral. Referindo a acção recíproca da escola sobre a comunidade, apontou a necessidade de colaboração com as autarquias, associações, cooperativas, sindicatos, ajudando à solução de problemas concretos da terra.

A assistente social e membro da Comissão de Pais da Rua 23, D. F. Ribeiro, falou sobre a criança e a família. «É na primeira infância, sob influência familiar, que a criança adquire determinadas características fundamentais da sua pessoa e que já leva consigo para a escola. Os professores prolongam e alargam a aprendizagem iniciada na família». A partir daqui, chamou a atenção para um trabalho comum entre pais e professores.

Em seguida, o prof. Lobo dissertou sobre os novos programas. Considerou que estes estão preparados para que a criança seja efectivamente o centro da nova pedagogia, onde têm papel fundamental os professores: «Os professores que não podem ser elementos de transformação na escola nova que sejam ao menos elementos de transição; canais estúpidos, isso é que nunca!».

Sobre métodos de avaliação falaram duas professoras que explicaram o novo sistema de fases de aprendizagem, o qual pretende atender à evolução total da criança, ao seu aproveitamento intelectual assim como à sua capacidade de diálogo ou de trabalho em grupo, etc.

Na última intervenção, a prof.^a Helena Morgado falou do I.A.S.E. A propósito da refeição suplementar concedida às crianças, disse que os dinheiros do I.A.S.E. apenas permitiam atingir 30 por cento das 3.500 crianças do concelho; só com o esforço da comunidade, com a colaboração dos pais e dos professores, seria possível uma distribuição a todos os alunos.

A segunda parte da sessão foi preenchida com perguntas e respostas em que a assistência interveio, levantando muitos e muitos problemas que dariam pano para mangas... Podemos considerar que se tratou, pelo menos, de um chamar a atenção para diversos aspectos prementes hoje em dia, aspectos que não podiam ser esquecidos com as brincadeiras e as guloseimas oferecidas às crianças no seu Dia Mundial.



Urge uma solução

DIA MUNDIAL DA CRIANÇA

«Dia Mundial da Criança!» E porque não todos os dias «Dia Mundial da Criança»? Se «a criança é uma arma carregada de futuro», porque se preocupa a sociedade tão pouco com esse futuro?

Se tu pai, mãe ou professor disseres que colaboraste com o teu filho ou com o teu aluno para esse dia fosse uma realidade, é muito possível que te respondam: — «era a tua obrigação!» E mais, «lembraste-te, por curiosidade, que enquanto celebrávamos em conjunto esse dia, milhões de outras crianças morriam, e morrem de fome, doentes, ou queimadas pelas bombas dos países ricos?» Que a criança continua a ser uma das maiores vítimas da exploração e do esquecimento por parte dos adultos, principais causadores do facto de existirem crianças que tudo têm ao lado de crianças que nada possuem?»

«Construímos um mundo novo e melhor para os nossos filhos» — dizem os adultos. Que mundo novo é esse onde os principais interessados não têm qualquer participação? Alguém perguntou já a uma criança qual o mundo em que gostaria de viver? Impossível! Se o tivesse feito o mundo teria mesmo que ser diferente, pois, se «a criança é o melhor do mundo», como poderia ter escolhido este?

O «Dia Mundial da Criança» é contudo importante. É um passo na consciencialização dos homens para algo que tem que se lembrar todos os dias: a criança.

E esse dia foi-lhe dedicado e algumas realizações tiveram lugar em vários pontos do país. Espinho e o concelho disseram «sim» ao «Dia Mundial da Criança».

ESPINHO

Assim, da Tarde Desportiva realizada no Sábado, dia 29 de Maio, com a colaboração do MODI pode dizer-se que tudo correu o melhor possível. A este propósito, disse-nos um animador desportivo: «Duma maneira geral foi bom. Os miúdos gostaram e colaboraram. É verdade que se chega ao fim cansado, que quase é preciso mandá-los embora pois pedem sempre mais, mas não há dinheiro que pague este convívio, esta alegria... Eles pintaram, dançaram, cantaram, fizeram ginástica, mudando duma actividade para outra sempre que queriam. Pena é que os professores primários não tivessem mostrado mais boa vontade na organização das coisas. A verdade é que a maioria passou a tarde sentada não tentando sequer ambientar as crianças. Havia crianças deficientes mentais que eram mais difíceis quanto à comunicação com as outras. Tudo se fez no entanto para que se não sentissem mal. Em tudo isto só é de lamentar que a criança apenas seja lembrada neste dia».

No Domingo, o parque João de Deus encheu-se com muitas crianças que acorreram a uma tarde de festa que lhes era dedicada. Jogar, correr, pintar, brincar, foram palavras de ordem que todos responderam com grande animação.

Com a mesma animação participaram cerca de 1500 alunos das escolas num espectáculo de Teatro que a Cooperativa NASCENTE lhes dedicou, no dia 9, no Teatro S. Pedro. «As Maças de D. Abúlio», pelo TEP, foi um bom pretexto para proporcionar às crianças que superlotaram o Teatro uns momentos de grande alegria e felicidade colectiva. Melhor seria se tivesse sido possível organizar duas sessões, para dividir por ambas os muitos interessados. De qualquer maneira, uma tarde inesquecível, e não só para as crianças, também para aqueles que tiveram a oportunidade de ver que o seu trabalho foi largamente compensado pela reacção tão positiva dos mais pequenos.

GRIJÓ

Também em Grijó, as crianças tiveram a sua festa. Da boa vontade da Junta de Freguesia que promoveu este dia, à mobilização dos mais novos, foi um instante. Assim, no sábado, dia 9 às 9 horas da manhã, foi vê-los a correrem atrás da bola na sua alegria de crianças. Houve desde futebol a corrida de sacos, tudo isto no Campo dos Arcos (A.D. de Grijó). À tarde, pelas 15 horas, as crianças distribuíram-se pelos salões da Póvoa, Loureiro, Corveiros, Santo António, onde tiveram a animá-las palhaços, teatro, canções, poesia, etc. Também as crianças deram o seu contributo, havendo números de teatro e folclore realizados por eles. A animação era constante.

No domingo, pela manhã, foi aberta ao público uma exposição de trabalhos escolares, no edifício da Junta. Foram muitos os trabalhos feitos com toda a dedicação das crianças.

Por volta das 10 horas da manhã as crianças puderam ver o filme «O Garoto de Charlot» que muito as entusiasmou.

ANTA

Anta também festejou o «Dia Mundial da Criança». A festa foi organizada pelo Movimento Democrático de Mulheres. No domingo, 30 de Maio, de manhã, cerca de 500 crianças juntaram-se no largo da Igreja onde tiveram uma festa animada. Os palhaços, as canções, a viola encheram de alegria todas as crianças que participaram com entusiasmo. No fim da festa foram distribuídos balões e guloseimas a todas as crianças.

NOTÍCIAS

ESPINHO TEM TIDO TEATRO!

Se fizermos bem as contas, no que diz respeito a espectáculos de Teatro na cidade de Espinho durante o corrente ano e principalmente nos últimos tempos, chegamos à feliz conclusão que estamos a ser bafejados pela sorte.

No ano passado, Espinho assistiu a dois espectáculos, um dos quais por um grupo local. Este ano já cá tivemos uma companhia da República Democrática Alemã (R.D.A.) «Teatro Mundo Jovem», a secção amadora do Teatro Experimental do Porto e até mesmo uma produção de Vasco Morgado, com grandes cenários, pernas «ao léu», «super-estrelas», muito dinheiro para os produtores e nenhum rendimento cultural para quem assiste. Portanto até Maio três representações a contrapor ao insignificante balanço de 1975, para no período decorrente de Maio a Junho acrescentarmos mais quatro espectáculos. Daí, estamos a 25 de Junho e a cidade de Espinho já viu teatro por sete vezes.

Será, então, de nos regozijarmos com tanta afluência de espectáculos, já que a província votada ao abandono pela política anticultural do regime fascista, necessita de Teatro como de pão para a boca. Começa a ser urgente despertar as pessoas para as realidades que as rodeiam, levando-as a participar activamente no seu dia-a-dia. E o Teatro, como contacto directo entre um texto, um grupo de actores e o público, tem potencialidades para tal se não for usado como factor de alienação.

«Eu sou actor há 20 anos e estava contactado pelo Vasco Morgado quando fui convidado pelos «Cómicos». E vim para este grupo, precisamente porque reconheço que o teatro «à Vasco Morgado», é um teatro decadente, com maquinismos decadentes, pessoas decadentes...

O futuro do Teatro português está nos grupos independentes profissionalizados e nos grupos amadores e na descentralização: distribuir as companhias pelos mais variados pontos do País e fugir do circuito comercial é tarefa urgente. Já não interessa fazer aquele tipo de teatro tradicional, comercial, que ainda anda por aí...»

Estas as declarações de António Anjos, o actor de «Os Cómicos», quando da passagem por cá deste grupo. Declarações importantes que nos alertam para um caminho válido a seguir no campo de aproximação da cultura com as populações até agora adormecidas numa «santa ignorância».

Esperamos que os organismos culturais do concelho levem a cabo uma planificação inteligente das actividades culturais, sem cairmos em espírito de clubite, para que depois deste período eufórico não se caia no vazio a que já nos estávamos a desabituar.

Dos quatro espectáculos a que ultimamente assistimos, daremos em seguida breves apontamento críticos.

«A MANDRÁGORA» pelo Grupo «Os Cómicos»

A execução correcta do ambiente em que se desenrolava a acção, a sua transposição para o palco numa forma aparentemente simples donde se tiravam os mais belos efeitos usuais. A in-

terpretação homogênea de todos os elementos, ainda que tenhamos de salientar as vigorosas interpretações de Sérgio Godinho, no papel do alcoviteiro Licurgo, e de António Anjos, no papel do doutor, avarento e desejoso de ter um filho.

Uma história viva, alegre, que não deixou de interessar o público, ainda que o texto não fosse incisivo, aflorando apenas pela rama os podres duma sociedade que nos seus aspectos principais ainda se mantém, não salientando perante os olhos do espectador duma forma clara os maquinismos que ainda o oprimem.

«A FONTE» — Associação Cultural de Grijó

Um grupo amador, com elementos a representarem pela primeira vez, pouco habituados às lides teatrais, agarrados ainda ao texto que representavam. Texto este, ao contrário do que dissemos em relação à «Mandrágora», duma clareza, duma vivacidade impressionante. Uma adaptação dum texto de Marivaux, adequada às necessidades do grupo, à situação política que atravessamos.

E ainda que pudéssemos apontar deficiências de encenação, resultado da inexperiência que vai desaparecendo com o tempo e com o trabalho consciente que este grupo vai fazendo, deixamos apenas aqui sublinhada a importância do Teatro Amador, como factor de consciencialização de quem o faz e de quem o vê.

«AS ARTIMANHAS DE SCAPINO» — Teatro Experimental do Porto

Um espectáculo alegre, duma vivacidade, dum ritmo extraordinário (chegamos a ficar cansados com o esforço dos próprios actores). A burguesia e os seus vícios, os falsos predicados de honra, os amores clandestinos, e Scapino, um alcoviteiro como Licurgo de «A Mandrágora», jogando com as artimanhas, com os enredos, tirando dinheiro aos avarentos para que os amores deixem de ser contrariados.

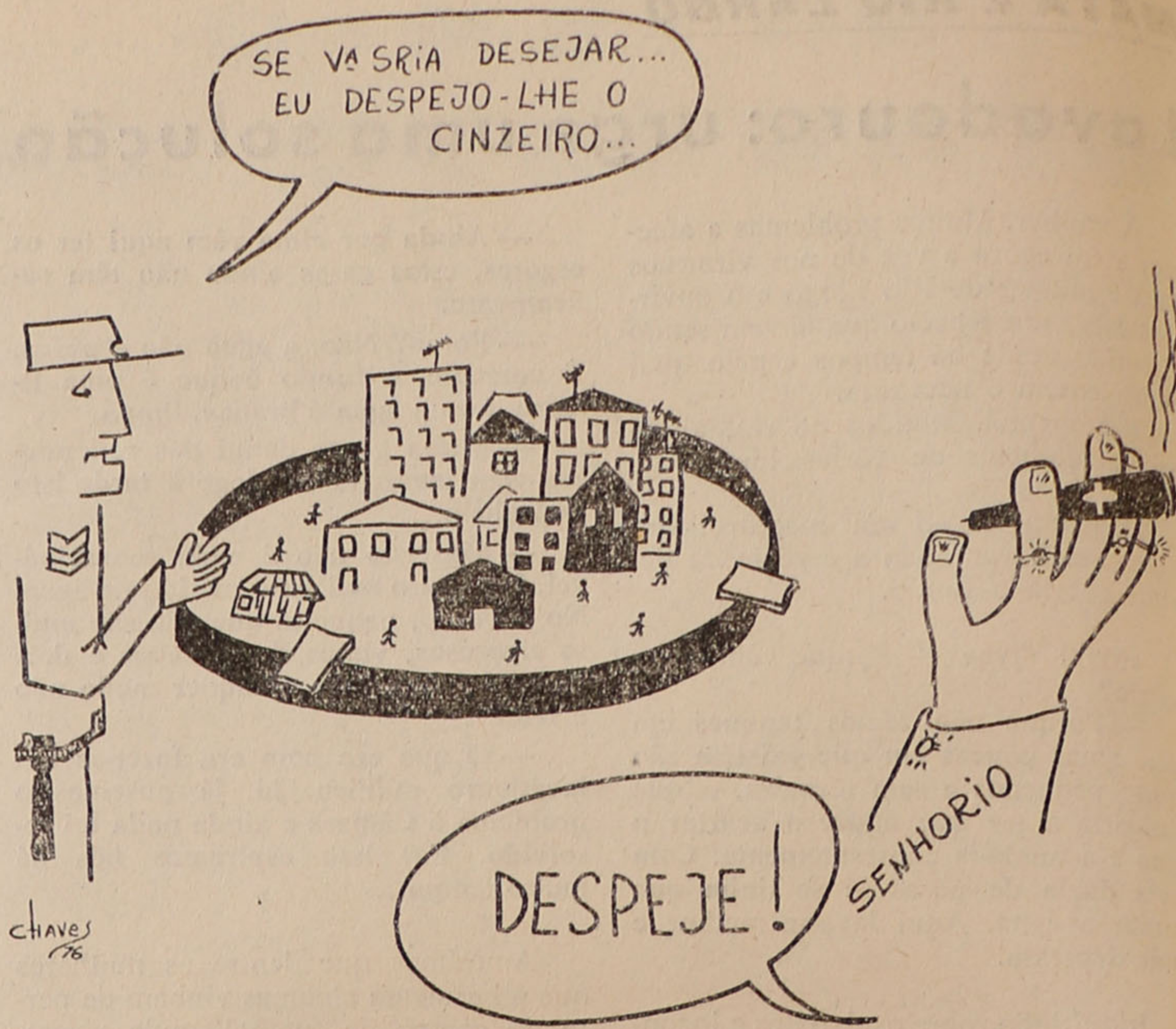
E como diria Molière a propósito desta sua peça: «Sendo dever da comédia dirigir os homens, divertindo-os, pensei que, na minha situação, o melhor era atacar os vícios do meu tempo, pintando-os ridiculamente».

«AS VÍTIMAS» — Teatro 5, Vila Nova de Gaia

Quando se pega em textos escritos a fugir à ameaça da censura e se põem em cena em Junho de 1976 começa-se por cometer um grande erro.

E ainda que o trabalho dos actores seja apreciável e a encenação sofrível, somos engolidos por uma vaga enorme de palavras, complexas, interiorizadas, dignas dos centros intelectuais onde se discute o sexto dos Anjos.

A mensagem que o espectáculo quer transmitir é salutar, é uma denúncia da exploração do homem pelo homem, da guerra, da opressão, mas perde-se no meio de tanta confusão, de tantas palavras sem sentido em pleno ano de 1976.



Sérgio Godinho esteve cá

Sérgio Godinho. Um nome popular. Faz canções que toda a gente canta. «Que força é essa, amigo?». Faz canções que eram obrigatórias nos tempos delirantes e (já?) longínquos do primeiro Abril. Sérgio Godinho, um músico.

Pois ele esteve cá, na nossa terra. Particularidade curiosa: não esteve cá para cantar mas para fazer Teatro. Isso mesmo, um actor pertencente ao grupo «Os Cómicos». Aproveitámos a sua presença e conversámos um bocadito.

— És músico, utilizas as canções como forma de intervenção política na sociedade. Porque o fazes?

— Bem, a música é uma coisa que eu sempre gostei de fazer, que surgiu naturalmente em mim, mesmo antes de ter adquirido uma consciência política. Quando, lá fora, comecei a fazer canções em português, nem pus sequer a questão de ir fazer canções políticas: fazia-as apenas correspondendo a um certo número de preocupações que eu tinha, do modo mais natural possível.

— E a música actua sobre as pessoas? É eficaz?

— Acho que o público é que pode dizer isso. Tudo depende daquilo que é dito e da maneira como é dito, sobretudo. São coisas importantes. Depois, há também que entender a quem se diz e quando se diz: algumas canções podem ter um grande significado num determinado momento e não o ter já noutra altura qualquer... Finalmente, eu procuro sempre trabalhar o mais possível nas canções que faço, seja na música, seja na letra. Acho que as pessoas não alinham em música má, sem interesse, nem em letras apenas feitas de «slogans» atraentes e fáceis. As pessoas querem e merecem música de qualidade.

— A novidade, hoje, foi apareceres ao público como actor de Teatro e não como músico...

— Pois, as pessoas cá em Portugal conhecem-me normalmente como cantor e músico, não como actor, embora não seja a primeira vez que faço Teatro. Ora para mim é tão importante um trabalho como outro; embora sejam diferentes, são duas maneiras de expressão, são dois parentes que se continuam um no outro e se completam. No Teatro tenho determinadas possibilidades de expressão no espaço que não podia encontrar na minha actividade como músico. É também um caminho de realização pessoal e de intervenção junto das pessoas. Claro que no Teatro sinto mais riscos, pois as pessoas não me conhecem... Mas é um trabalho importante para mim. Completa-me.

E pronto, lá deixámos o Sérgio Godinho-actor, cansado, a desmontar o cenário com os colegas. Ele próprio nos tinha sublinhado antes que ali, nos «Cómicos», não havia vedetas. Ele ali vinha, integrado numa companhia, não para cantar, como talvez muita gente esperasse, pois até a publicidade fazia prever isso. Não cantou, apenas fez Teatro, como os outros. A vedeta, se a houve, foi todo o grupo, que proporcionou a Espinho um óptimo espectáculo. Sérgio Godinho fez Teatro. E fez promessa de cá voltar, agora como músico. Ficamos à espera.

NASCENTE — Cineclube

NASCENTE leva a efeito no próximo dia 30, às 21,30 horas, no Teatro S. Pedro, uma sessão de Cineclube, com o filme «A Quimera de Ouro», de Charles Chaplin.

A entrada será reservada aos sócios da Cooperativa, mas permite-se, excepcionalmente, que cada sócio se faça acompanhar de um ou dois amigos, iniciativa que se enquadra na campanha de angariação de sócios.